

Como o *bullying* é enfrentado em uma escola pública do Ensino Fundamental na cidade do Recife: um estudo de caso.

Raimunda Maria Ribeiro Guida¹

Tarciana Bezerra Barreto da Silva²

Ms. Kathia Maria de Melo e Silva Barbosa³

Resumo

Esse trabalho sintetiza uma investigação realizada com vistas a reconhecer como a **gestão escolar e o corpo docente** enfrentam o *bullying* em uma escola pública da cidade do Recife. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que se configura como um estudo de caso, assim sendo, não pode ser considerado genericamente como representativo do vivido nas escolas públicas, apenas tomado como um campo singular provocador de reflexões. Para fundamentar nossas discussões, utilizamos como referência os estudos de Fante (2005), Melo (2010), dentre outros, tratando sobre o fenômeno *bullying* no recinto escolar. Utilizamos como instrumento para a coleta de dados, a observação do campo e entrevistas semiestruturadas que foram interpretadas sob a ótica da Análise de Conteúdo. Os dados indicaram que a gestora e a maioria dos docentes colaboradores, têm conhecimento sobre o fenômeno *bullying* e reconhecem que ele é prejudicial a convivência no cotidiano escolar. No entanto, no que se refere a identificação de práticas relacionadas ao *bullying* alguns ainda confundem com outros tipos de violências ou não conseguem estabelecer uma relação direta a exemplo que denominam como “expressões racistas e preconceituosas”. Entre os resultados alcançados constatamos que o sistema educacional, se exime de contribuir de forma efetiva na **qualificação dos educadores**, para que estes possam intervir de maneira mais eficiente e eficaz na erradicação de práticas do *bullying* no ambiente escolar. Atribuem, portanto, aos educadores a responsabilidade sobre sua formação e estes, por sua vez, se sentem fragilizados e inseguros quanto a aplicação das medidas de contenção, visto que eles não se sentem resguardados institucionalmente pela rede de ensino.

Palavras-Chave: *Bullying*. Formação Continuada. Escola.

1 Introdução

Nos tempos atuais, vários problemas surgem no campo da educação, dentre eles, a violência no ambiente escolar. Sabemos que sempre existiram conflitos e discordâncias nas relações interpessoais e algumas delas tomam proporções e formatos que são nominadas como de violência. Portanto, conclui-se que ela é inerente à interação humana.

¹ Concluinte do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. raimunda_guida82@hotmail.com

² Concluinte do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. tarcianalourenco@gmail.com

³ Professora do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Universidade Federal de Pernambuco. katuchao@yahoo.com.br

A violência possui várias formas ou tipificações, mas, tomamos como objeto neste estudo a que vem se destacando no cotidiano das escolas, identificada como *bullying*. A literatura tem comprovado que as consequências desta prática podem ser incomensuráveis para as suas vítimas, o que endossa a urgência de se entender, reconhecer e agir sobretudo de forma preventiva com vistas a preservação da vida e da promoção dos processos de ensino e aprendizagem salutar no ambiente escolar.

Diversas produções realizadas acerca dessa temática foram levantadas por Oliveira-Menegotto, et. Al, (2013, p. 206) conforme o que se segue:

a primeira publicação de artigo científico sobre *bullying* escolar é Lopes (2005). Ao total, foram encontrados 50 artigos científicos publicados entre 2005 e 2011. Nos anos de 2009, 2010 e 2011, foram publicados, respectivamente, nove, 12 e 16 artigos científicos. Quanto ao processo de caracterização dos artigos, foram reunidas cinco categorias temáticas, considerando os temas que foram centrais na discussão dos artigos: caracterização do *bullying* escolar; repercussões do *bullying* escolar; identificação, prevenção, intervenção e políticas públicas; escola e relação professor-aluno; análise social do *bullying* escolar.

Para além da produção literária/científica, é preciso garantir o acesso e a formação continuada para aqueles que lidam com estes acontecimentos no cotidiano do seu ambiente de trabalho.

Ao reconhecer que o *bullying* é um problema real nas escolas e a cada dia faz mais uma vítima (FANTE, 2005), precisamos pensar em medidas interventivas corroborando para que os profissionais da escola atuem legitimamente. Isto implica em uma atuação conjunta ou como afirmam Aguiar (2009) e Pedroza (2011), que seja um trabalho colaborativo, de modo a investir em ações de prevenção e de enfrentamento desse tipo de violência. A este respeito, Botler afirma:

na relação entre violência e educação, deve-se distinguir os tratamentos *paliativos* dos *preventivos*, bem como se faz necessário contextualizar aquilo que é concebido pelos sujeitos que as praticam ou são vitimizados, já que, conforme Lopes e Gasparin (2003, p. 296), “depende dos valores sociais de cada grupo, das circunstâncias em que foi praticada e de disposições subjetivas. (BOTLER, 2016, p. 722)

Muitas são as possibilidades de execução de ações preventivas considerando-se que a escola é um espaço de relações, de construção de cultura, um espaço formativo. Assim, é preciso que o gestor se coloque como o articulador, cuja visão acerca do contexto histórico e social da comunidade onde a escola está situada, somados às perspectivas políticas institucionais da educação, mobilize a comunidade interna representada por todos os segmentos dos profissionais e estudantes, para fazer da escola um espaço democrático de aprendizagens e de encontros.

É importante lembrar que muitas das motivações dos agressores surgem de outras relações e experiências vividas fora da escola, mas **é nela onde despejam suas “frustrações”**, influenciando nos comportamentos dos alunos.

O primeiro passo deve ser no sentido de melhor compreender o que é o *bullying*, ou seja:

o termo *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e **repetidas, que ocorrem sem motivação** evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro (s), causando dor e angústia, e **executadas dentro de uma relação desigual de poder**. (MELO, 2010, p. 21)

E,

por não existir uma palavra na língua portuguesa capaz de expressar todas as situações de *bullying*, as ações que podem estar presentes no *bullying* são: colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, **humilhar**, fazer sofrer, **discriminar, excluir, isolar**, ignorar, **intimidar**, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tiranizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar e quebrar pertences. (MELO, 2010, p. 21/22)

Nota-se, que há diferenças entre atos caracterizados como brincadeiras, *bullying* e violências pontuais. As práticas de *bullying* acontecem de forma contínua e têm sempre a intenção de maltratar, intimidar, ofender, humilhar, entre tantos.

Por fim, destacamos que nosso interesse pelo tema foi despertado quando cursamos as disciplinas de Estágio Curricular Obrigatório (realizado numa escola pública do Recife) e Processos Interativos no Espaço Escolar, ambas no 8º período, do curso de Pedagogia (Centro de Educação), da Universidade Federal de Pernambuco, e vimos o quanto o *bullying* está presente nas relações e interações entre os alunos nas escolas públicas. Este

aspecto nos impulsiona a querer dar uma maior visibilidade a temática na medida em que os resultados de nossos estudos podem configurar-se como instrumentos reflexivos provocadores do debate nos diversos contextos escolares de nossa sociedade.

Diante disso, nosso objetivo geral foi **reconhecer como a gestão escolar e o corpo docente enfrentam o *bullying* em uma escola pública da cidade do Recife**. Nesse sentido, tivemos como objetivos específicos identificar no cotidiano da escola o fenômeno *bullying*, reconhecer como o gestor e os professores reagem frente às práticas de *bullying* e, por fim, investigar quais as dificuldades para o enfrentamento encontradas pelos professores e pelo gestor.

Dessa maneira, procuramos contribuir para um debate com vistas a um resultado reflexivo sobre o fenômeno *bullying* no ambiente escolar, fazendo com que essa problemática tenha mais visibilidade.

2 Conceito de *bullying* e sua caracterização

Os estudos sobre o *bullying* se originaram a partir da década de 1970, com o pesquisador da Universidade de Bergen, na Noruega, chamado Dan Olweus que “desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo” (FANTE, 2005, p. 45).

Já, no cenário brasileiro, começou a ser estudado a partir dos anos 90 conforme Oliveira-Menegotto *et. al.* (2013) mas, só em 2005, intensificaram-se as pesquisas e produções de artigos científicos relacionados à essa temática.

A palavra *bullying* tem origem inglesa. Chalita, 2008 apud Melo, 2010 explicita que o *bullying* “é um verbo derivado do adjetivo inglês bully, que significa valentão, tirano”. Melhor dizendo, é quando alguém pratica valentia, tirania contra outra pessoa. Destaca-se ainda que o termo *bullying* não é empregado da mesma maneira em todos os países. Segundo Fante (2005), outras terminologias são utilizadas, a saber: *Mobbing*, na Noruega e na Dinamarca; *mobbning*, na Suécia e na Finlândia; *harcèlement quotidien*, na França; *prepotenza ou bullismo*, na Itália; *yjime*, no Japão; *agressionen unter*

shulern, na Alemanha; *acoso y amenaza entre escolares*, na Espanha; *maus-tratos entre pares*, em Portugal; *bullying*, no Brasil, bem como em outros países.

Para Melo (2010), o fenômeno *bullying* é “o comportamento intencional, logo, premeditado, sistematizado, planejado, articulado de forma repetitiva de agressão verbal, psicológica ou física adotado, sobretudo, no âmbito escolar ou externo à escola.” Assim sendo, esse tipo de violência é totalmente inadmissível em qualquer ambiente, mais ainda na escola, por ser um lugar em que se espera desenvolver o indivíduo integralmente.

Contrariando a intencionalidade do espaço escolar e, segundo Calhau (2008), o *bullying* é um problema real e tem se manifestado com mais intensidade nas escolas nos últimos anos. Os ambientes nos quais ele é praticado, na escola, se diversificam cada vez mais, de maneira que as manifestações acontecem nas salas de aulas, nos corredores, nos pátios, nos banheiros etc. Corroborando ainda com Fante (2005), reconhecemos que existe *bullying* em todas as escolas, independentemente de sua vinculação às redes de ensino a citar: pública federal, estadual e/ou municipal bem como na rede particular. O que se modifica “relativamente” são os instrumentos e vocábulos empregados pelos agressores. Nesse cenário, acreditamos que também se modificam a maneira como as escolas lidam ou reagem com as manifestações identificadas em cada unidade educacional. Algumas fazem vista grossa, outras sistematizam projetos pedagógicos voltados para a prevenção, e outras, ainda que não sabem o que ou como fazer para prevenir e enfrentar as ocorrências.

Apesar de todo debate que se tem realizado sobre o *bullying* o seu significado e suas consequências ainda não são conhecidos por todos na sociedade. Talvez porque haja ainda pouca divulgação ou mesmo por não haver medidas generalizáveis para o enfrentamento do fenômeno. Cada caso é único, tem contexto próprio. Talvez porque a socialização quando acontece tem muito mais características midiáticas sensacionalista do que pedagógicas. Possibilidades que reforçam a validade desta pesquisa.

2.1 O reconhecimento do *Bullying* no Brasil e suas manifestações

Em 2015, foi promulgada a lei nº 13.185, que conceitua *bullying* como:

§ 1º ... “todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.”

Nesta mesma lei, em seu art. 3º, o *bullying* pode ser classificado como:

I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;
II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;
III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;
IV - social: ignorar, isolar e excluir;
V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;
VI - físico: socar, chutar, bater;
VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;
VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.

No entanto, sabemos que só ter uma Lei não basta para que não se cometa a infração. Ainda mais quando ela existe e não é conhecida. E mesmo quando conhecida é preciso saber lidar com as situações para que se faça cumpri-la. Nesse sentido, é importante salientar que nos termos do Art. 5º da supramencionada legislação é posto que “é dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (*bullying*)”.

O reconhecimento do fenômeno e da normativa que a rege, quando compreendida a partir da revisão da literatura, conforme apresentamos neste estudo, nos demonstra que o *bullying* acontece de duas maneiras, a saber: direta e indireta. O *bullying* direto “inclui agressões físicas como bater, chutar, tomar pertences, e verbais, como apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger”. O *bullying* indireto “se apresenta através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social”. Mesmo tendo essa classificação, ambas as formas são muito prejudiciais às vítimas, pois atuam psicologicamente, provocando danos irreversíveis.

Um outro aspecto que merece destaque é a identificação dos sujeitos envolvidos na relação de *bullying*. Assim, Fante (2005), explicita os personagens do fenômeno *bullying*, classificando-os em:

Vítima típica: aquela que serve de bode expiatório para um grupo; **vítima provocadora:** aquela que provoca e atrai reações agressivas contra as quais não conseguem lidar com eficiência; **vítima agressora:** aquela que reproduz os maus-tratos sofridos; **agressor:** aquele que vitimiza os mais fracos [...] indivíduo que manifesta pouca empatia. [...] é mau-caráter, impulsivo, irrita-se facilmente tem baixa resistência às frustrações. Custa a adaptar-se às normas, não aceita ser contrariado; **espectador:** é o aluno que presencia o *bullying*, porém não o sofre nem o pratica, representa a grande maioria dos alunos que convive com o silêncio e adota a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor (FANTE, 2005, p. 71/72/73) (grifos do autor).

De acordo com Silva (2010), “identificar os alunos que são vítimas, agressores ou espectadores é de suma importância para que as escolas e as famílias dos envolvidos possam elaborar estratégias e traçar ações efetivas contra o *bullying*. ” Entretanto, há muitas dificuldades na identificação desse tipo de violência, pois a maioria das vítimas têm vergonha ou medo de falar, de pedir ajuda a alguém. Sinais como desinteresse nos estudos, faltas com frequência devem ser levados em consideração tanto pelos pais, quanto pelos professores e gestores.

Para Dan Olweus apud Fante (2005), para que um aluno possa ser identificado como vítima, os professores devem observar se ele apresenta alguns destes comportamentos:

- durante o recreio está frequentemente isolado e separado do grupo, ou procura ficar próximo do professor ou de algum adulto?
- na sala de aula tem dificuldade em falar diante dos demais, mostrando-se inseguro ou ansioso?
- nos jogos em equipe é o último a ser escolhido?
- apresenta-se comumente com aspecto contrariado, triste, deprimido ou aflito?
- apresenta desleixo gradual nas tarefas escolares?
- apresenta ocasionalmente contusões, feridas, cortes, arranhões ou a roupa rasgada, de forma não natural?
- falta às aulas com certa frequência (absentismo)?
- perde constantemente os seus pertences?

Os mesmos procedimentos interrogativos devem ocorrer em relação ao agressor. Entre seus comportamentos habituais:

- faz brincadeiras ou gozações, além de rir de modo desdenhoso e hostil?

- coloca apelidos ou chama pelo nome ou sobrenome dos colegas, de forma malsoante; insulta, menospreza, ridiculariza, difama?
- faz ameaças, dá ordens, domina e subjuga? Incomoda, intimida, empurra, picha, bate, dá socos, pontapés, beliscões, puxa os cabelos, envolve-se em discussões e desentendimentos?
- pega dos outros colegas materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences, sem o seu conhecimento?

Por conta dessas agressões (físicas, morais e/ou psicológicas), diversas consequências são desencadeadas, tendo como alvo não somente às vítimas, mas todos os envolvidos, que são prejudicados com a falta de um ambiente escolar seguro e saudável. Segundo Souza, et al. apud Silva (2010),

as consequências do *bullying* escolar são as mais variadas possíveis e depende muito de cada indivíduo, da sua estrutura, de suas vivências, da predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões. No entanto, o *bullying* causa sofrimento a todas as vítimas, em maior ou menor proporção. Muitas delas levarão marcas profundas provenientes das agressões para a vida adulta, e necessitarão de apoio psicológico e/ou psiquiátrico para superá-las. Em casos mais graves, podem ser observados quadros de esquizofrenia, homicídio e suicídio.

De igual modo, o agressor também não fica imune aos danos, pois carregará consigo marcas de um comportamento mesquinho e desaprovado por todos, podendo ainda, ser agravado no decorrer dos tempos, colocando-o em outras situações de violências e que, talvez se a este também fosse dada a devida atenção, no sentido de identificar as suas motivações, fosse possível reintegrá-lo a uma existência saudável.

2.2 Formação de professor e o *bullying*

Sabendo que o *bullying* traz danos gravíssimos às vítimas, que na sua maioria, têm como alvo crianças e adolescentes, torna-se imprescindível um estudo específico nos cursos de formação de professores, visto que esses profissionais estão no seu dia a dia em contato direto com agressores e vítimas na sala de aula.

A discussão sobre *bullying* no campo educacional vem ganhando reconhecimento, porém essa temática ainda precisa ganhar mais espaço para reflexão, pois é necessária aos professores desde a formação inicial até a prática docente. Na atualidade nota-se a importância desse tema na formação

de professores, assim o corpo docente não deve tratar essa temática de forma simples e isolada, de modo que faz surgir a necessidade de um debate mais amplo sobre o *bullying* na busca por ações pedagógicas que possibilitem a prevenção e a intervenção desse fenômeno. De acordo com Silva e Bazon (2017, p. 617),

diante este cenário, denota-se a importância de na formação inicial e continuada do professor a temática *bullying* ser incluída, de modo a incrementar não somente seu conhecimento, mas, principalmente, sua sensibilidade e sua competência para identificar e intervir no problema, contribuindo assim para que o clima escolar seja menos violento e excludente.

Sendo assim, acreditamos que é preciso investir na formação de professores, visto que o pedagogo é tido como sujeito formador, atuando desde a Educação Infantil, do Ensino fundamental I, dentre outros. Para tanto, precisa desenvolver uma melhor sensibilidade e compreensão sobre o que é o fenômeno *bullying* e suas repercussões na vida das vítimas, para, além disso, ficar atento aos acontecimentos tanto na sala de aula, bem como, nos diversos ambientes da escola, assim poderá contribuir através das práticas pedagógicas no ambiente escolar. Um estudo com professores brasileiros, Silva et al. (2017, p.618) aponta que,

os investigados possuíam conhecimentos gerais acerca do *bullying*, em sua maioria incompletos ou fragmentados. Embora o nível de conhecimento tenha variado, em termos de abrangência e de profundidade, este não era, de modo geral, suficiente para que eles identificassem a maioria das agressões ocorridas em sala de aula. Dentro disso, as intervenções que realizavam eram pontuais e desarticuladas.

Dessa forma, fica evidenciado que a formação do professor interfere na condução e desenvolvimento do ato de educar. Para que venha favorecer o processo formativo dentro da escola, a formação docente deve privilegiar várias dimensões. Para Freire (1996, p.23),

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação.

Neste sentido é preciso oferecer uma formação docente que valorize esses princípios citados acima para que os professores possam realizar ações pedagógicas voltadas para o enfrentamento do *bullying* na escola.

Quanto à importância dessa temática no espaço de formação, Fante (2005) afirma que para **a prevenção ao *bullying* escolar, deve-se investir primeiramente na formação de professores**, visto que é um espaço privilegiado para a reflexão e debate. Desta forma, auxiliará os docentes desde a identificação de um caso de *bullying*, bem como na promoção de estratégias para a prevenção desse fenômeno.

3 Metodologia

Como metodologia, adotamos a abordagem qualitativa, por estar relacionada aos aspectos da nossa pesquisa, que tem como objetivo reconhecer como a gestão escolar e os professores enfrentam o *bullying* em uma escola pública do ensino fundamental da cidade do Recife. Esse tipo de pesquisa de acordo com Ludke e André, (1986) “supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que se está sendo investigado.”

O trabalho se desenvolveu através da pesquisa de campo, que segundo Oliveira, (2003) se caracteriza “como a técnica usada para a coleta que permite a obtenção de dados sobre um fenômeno de interesse da maneira como ele ocorre na realidade estudada”. A pesquisa de campo, tem como objetivo adentrar no ambiente escolar e analisar um determinado fenômeno, ou seja, coloca o pesquisador em contato direto com o universo a ser pesquisado.

Sendo assim, para o nosso campo de pesquisa foi escolhida uma Escola da Rede Municipal do Recife situada no bairro da Iputinga. Como critérios para a escolha do local, se deu, primeiro por estarmos participando de uma Residência Pedagógica, depois pela receptividade da gestora em colaborar com nossa pesquisa e finalmente, mas não menos importante, por ela atender a comunidade do Detran, considerada uma **região com alto índice de violência**, como denunciam os sujeitos p 4 e p 5, correspondendo ao perfil desejado para a investigação do nosso objeto de pesquisa.

Aqui no bairro está se tornando natural casos de violência, ninguém respeita se é próximo a escolas, a polícia passa aqui na frente atirando para cima, outra vez mataram um rapaz, ali na esquina, os alunos correram para olhar, foi feio, muito sangue escorrendo. [...] aqui dentro da escola não vemos muitos casos graves, mas no bairro tem diversos. (p 4)

Essa questão da violência aqui é muito presente, é algo que você tem que tá batendo na mesma tecla o tempo todo e todos os dias, principalmente se passa dois ou três dias sem ter aula, no caso de um feriadão, quando volta você sente mesmo esse reflexo da agressividade. (p 5)

No que se refere aos sujeitos do nosso estudo, contamos com a colaboração de 5 professores do Ensino Fundamental, do 2º ao 5º ano, do turno da manhã e a gestora, totalizando 6 colaboradores, por adesão espontânea à pesquisa. Identificamos os sujeitos como “p” para participantes e utilizamos a numeração de 1 a 6 que corresponde apenas ao quantitativo de entrevistados. No que se refere à graduação todos possuem formação em Pedagogia, 5 pela Universidade Federal de Pernambuco, 1 pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda. O tempo de atuação na área educacional varia de 5 a 30 anos.

Para compreendermos qual a concepção dos professores e da gestora em relação ao *bullying*, realizamos entrevistas estruturadas. A escolha deste instrumento justificou-se pela fluidez na captação da informação desejada. (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.34). Queríamos saber:

- *O que você entende por bullying?*
- *No seu curso de formação este tema foi abordado?*
- *Você já foi testemunha de prática de bullying na escola em que trabalha? Poderia descrevê-la? Qual foi sua atitude frente ao fato?*
- *Existe alguma orientação institucionalizada que te oriente sobre o que fazer diante de práticas de bullying?*
- *Você se sente institucionalmente apoiada para lidar com o bullying?*
- *Quais as dificuldades que encontram para enfrentar o bullying?*

Para compreender os achados de pesquisa aplicamos a análise de conteúdo, por ser “um conjunto de técnicas de análises de comunicação” (CHIZZOTTI apud BADIN, 2006), que contém informação sobre o

comportamento humano atestado por uma fonte documental, objetivando “compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas.”

4 Resultados e Discussão

Organizamos os dados coletados em **três eixos de análise**, quais sejam: I- Concepções dos sujeitos participantes sobre o *bullying*; II- Identificação do fenômeno *bullying* no cotidiano das escolas e das salas de aula; III- Dificuldades para o enfrentamento do *bullying*.

4.1 Concepção dos sujeitos participantes sobre o *bullying*

Quando questionamos os sujeitos no que se refere às suas concepções de *bullying*, analisando os dados coletados, os mesmos mostram que todos os participantes apresentam concepções que se relacionam com as definições trazidas pelos teóricos elencados no nosso estudo, conforme podemos observar nos extratos abaixo:

Na verdade, *bullying*, como a gente sabe é uma agressão, né? Que os meninos, ou qualquer pessoa, faz com a outra. Ele pode ser verbal, né? no caso psicológico ou até físico, né? (p2);

Brincadeiras que afetam e deixam a criança que está sendo digamos assim “abusada”, deixa ela criança triste, deixa ela se sentindo humilhada e que muitas vezes também ela termina sendo agredida. É uma violência que acontece contra ela, seja verbal ou física, eu entendo isso por *bullying*. (p3);

Bullying pra mim é a questão da agressão física e verbal que acontece repetidas vezes com determinados alunos. Essa agressão que vai se acontecendo constantemente, todos os dias a criança tá sofrendo aquilo ali. (p5).

Bullying é um ato ou uma prática que tanto a criança ou o adolescente pratica com os colegas de forma pejorativa e de forma repetitiva, causando assim transtornos para a pessoa ofendida a ponto dessa pessoa se sentir ofendida, a ponto de não querer vir pra escola, a ponto de se sentir inferiorizada, até a ponto de querer se excluir do grupo por se sentir, dependendo do que foi o *bullying*, se excluir por entender que não se enquadra naquele padrão e acaba se afastando da escola. É mais ou menos isso pelas coisas que eu li. (p6)

De acordo com Melo (2010), o fenômeno *bullying* é “o comportamento intencional, logo, premeditado, sistematizado, planejado, articulado de forma

repetitiva de agressão verbal, psicológica ou física adotado, sobretudo, no âmbito escolar ou externo à escola.”

Porém, ao relatar casos de *bullying* que os mesmos presenciaram na escola, alguns dos entrevistados apresentaram contradições, confundindo episódios de racismo, e ou violência pontual com práticas de *bullying*, como podemos observar nos seguintes extratos de fala:

O que me recorda muito é de um aluno que gostava muito de comer banana na escola e sempre tinha um coleguinha que vinha com um som, assim de macaco, né? para poder chamar indiretamente o colega de macaco e eu notava que isso deixava ele triste, eu não tinha percebido o som, a princípio, mas depois quando eu percebi, ai assim, eu conversei com a mãe dele, né? e a mãe já tinha relatado pra mim que ele tava meio triste, não sabia o porquê e a mãe conversou e me disse que ele sempre ouvia esse som, ai foi que eu liguei as coisas. (p2)

Inclusive uma vez a gente teve com um pai que acusou na época nossa vice dirigente, que é negra. Ele chegou a dizer que não trataria nada com uma negra, só com a diretora. (p4)

Como pudemos observar, há um distanciamento da concepção de *bullying*, que a partir dos conceitos trabalhados pelos autores, compreendemos ser uma intimidação praticada por alguém de forma repetitiva com a finalidade de denegrir e maltratar a vítima.

Na fala de p4, há que se fazer um destaque, pois pudemos perceber claramente que há uma motivação com preconceito de cor, porém a maneira como era verbalizado se traduzia como *bullying*.

Desse modo, chamamos a atenção no sentido de se fazer necessário um conhecimento aprofundado sobre esse fenômeno para que todos os profissionais da área educacional tenham a capacidade de detectar e distinguir as práticas de *bullying* dos outros tipos de violência, já que os efeitos e danos são diferenciados em cada um desses atos, exigindo dessa forma posições distintas. Para assim, juntamente com todo o corpo escolar construir medidas preventivas em função do enfrentamento desse tipo de violência.

4.2 Identificação do fenômeno *bullying* no cotidiano das escolas e das salas de aula.

O *bullying* é um fenômeno que vem se propagando no ambiente escolar. Conforme afirma Calhau (2008), é um problema real e tem se manifestado com mais intensidade nas escolas nos últimos anos, e nos diversos ambientes a citar: as salas de aulas, nos corredores, nos pátios, nos banheiros, etc.

Na escola pesquisada não é diferente. Nos extratos, pudemos constatar que o *bullying* se faz presente no cotidiano escolar entre os alunos, de modo a interferir na relação entre os mesmos, prejudicando a real intencionalidade da instituição. Corroborando a isso, a maioria dos entrevistados enfatiza a presença do *bullying* no ambiente escolar, como se observa nos seguintes extratos:

Teve uma aluna que a mãe dela trabalhava com reciclagem e as crianças usavam um pouco a questão social da reciclagem para denegrir a imagem, chamando gracinha, xingando ela, então ela ficava né! Mas ela era uma criança também muito ativa, então essas coisas que chegavam pra ela, ela respondia com agressividade. (p3)

Na minha turma atual tem um aluno que vive constantemente chamando os meninos de “boiola”, de “frango”. Ainda ontem foi a mesma história: tia ele tá me chamando de “boiola”, isso com as meninas! Quer dizer que ele nem sabe o que significa. E eu soube de um caso que ele chamou o estagiário de tia, aí outro aluno falou é tio! Como o estagiário disse que poderia ser chamado de tia ou tio, tanto faz, esse aluno ficou um pouco chateado por que não conseguiu constranger. (p4)

Eu já tive aluna que não quis mais ir para escola porque sofreu *bullying* devido a uma patologia, ela é uma criança que não cresce e por ser assim tão “miudinha” já acharam que ela não era da minha turma. Ela não cresce, ela é miudinha mesmo, então todos chamavam: de pequenininha, aquela miudinha, porque ela não cresce isso de uma forma muito repetida teve um dia que ela não quis vir, como eu acompanho a turma, ela percebeu que de um ano para o outro houve um crescimento de todas as crianças da turma menos o dela, ela está sendo tratada? tá, a avó está procurando tratá-la? tá, mas ela ver que de um ano pro outro as outras crianças vem se desenvolvendo e ela não, ela é super inteligente, não tem nenhum déficit cognitivo, mas de estatura ela tem devido ser portadora de uma patologia que a impede de crescer e ela sofre *bullying* por causa disso. (p6)

Entre os entrevistados, um deles relatou não haver *bullying* na instituição, como podemos observar no extrato abaixo:

Aqui na escola não. A gente tem a questão das agressões, a violência que é bastante presente, mas não tem um caso específico repetidas vezes com uma criança não. [...] eu tento colocar na cabeça deles que não é, e não deve acontecer à questão dos insultos, é muita discussão. É muito presente a questão da violência, do xingamento. Eu percebo nas pinturas, nas atividades em sala que é algo que eles presenciam na comunidade e acaba trazendo para a escola, para a sala de aula, o cotidiano da violência como uma coisa

normal. Por exemplo, quando um aluno bate em alguém a gente se assusta e eles ficam sorrindo, tanto o que está batendo como o que está sendo agredido, pra eles aquilo é uma brincadeira que pode machucar, que podem trazer consequências sérias, mas pra eles é algo normal. (p5)

Contrariamente aos outros entrevistados no que se refere às práticas de *bullying* existentes, p5 enfatiza a questão da violência aleatória e corriqueira nos corredores e pátios da escola. O mesmo mostrou-se muito preocupado por saber que a causa dessa violência, na maioria das vezes, é externa à instituição, e acaba se naturalizando no dia a dia deles, assim, se sente impossibilitado de fazer um trabalho mais combativo. Nesse sentido ele ainda corrobora:

Teria que ser feito algo realmente no geral, no coletivo para que pudesse melhorar, mas ai vem à dificuldade porque barra nos processos do sistema mesmo que é se a gente for parar toda a escola, juntar a família, teria que ter esse respaldo da prefeitura mesmo. (p5)

Portanto, assim como o *bullying* que é um tipo de violência e foco do nosso estudo, essa violência pontual e corriqueira entre os alunos prejudica as relações entre todos na escola, e, conseqüentemente, atrapalha e retarda o processo de ensino e aprendizagem. Diante disso, concordamos com p5, no sentido de precisar “ser feito algo realmente no geral, no coletivo”, algo que aproxime e envolva a comunidade escolar.

4.3 Dificuldades para o enfrentamento do *bullying*

Quando se fala em *bullying* na escola, logo se evidenciam as dificuldades em torno dessa temática. São muitos os obstáculos para o enfrentamento no sentido de prevenir e combater tal fenômeno. O primeiro ponto citado negativamente pelos entrevistados foi a falta de debate e discussões aprofundadas durante o curso de formação inicial.

Conforme explicitado pelos entrevistados constatamos que dois deles, p1 e p2, enfatizaram que o *bullying* sempre existiu no ambiente escolar, mas com outras nomenclaturas. Diante disso eles vinculam o *bullying* a outras questões, como falta de ética e preconceito, por exemplo. Enquanto p3 falou que estudou

sobre a temática, mas que de forma muito superficial e, p4, p5 e p6 afirmaram não ter sido abordado de maneira alguma.

Dessa forma, os entrevistados sentiram a necessidade de buscar os conhecimentos necessários para lidar com a prática, fazendo pesquisas sobre a problemática do *bullying* na escola. A instituição não é omissa na busca de formação, sempre que precisa, promove palestras como podemos constatar nas falas de p3 e p4.

Aqui na escola já teve algumas palestras, mas para os grupos de alunos maiores. Como eu sempre trabalhei com alunos do 2º e 3º ano não teve palestras. Já soube que teve algumas palestras nas turmas do 4º e principalmente nas turmas do 5º ano. Nos momentos, seja de formação que nós tivemos a gente sempre debatia sobre o assunto com os colegas, mas não com um profissional de psicologia ou de outra área. (p3)

A gente já fez algumas formações e já teve algumas palestras aqui na escola sobre *bullying* com assistente social. A gente tratou do assunto até por que estava se tornando uma coisa muito grave aqui e foi preciso a gente correr atrás de pessoas para ajudar o nosso entendimento no assunto. (p4)

Diante do exposto acima, podemos perceber que há uma necessidade de se debater sobre o *bullying* na formação inicial do professor e para além disso, haver estudos continuados, pois esses profissionais vão estar presenciando práticas desse tipo de violência no dia a dia da sala de aula.

Para além dessa necessidade de formação supramencionada, outros obstáculos se apresentam no sentido de prejudicar o enfrentamento do *bullying* na instituição de ensino pesquisada, como por exemplo, o descaso da rede de ensino, em que todos os entrevistados alegam não se sentir institucionalmente apoiados pela mesma para lidar com o fenômeno do *bullying*, como desabafa p6,

[...] Se a coisa precisar sair daqui pra ir pra gerência ou secretaria de educação, eu digo a vocês que a coisa já caiu em descrédito porque pra lá não se resolve nada, pra lá é só burocracia. Eu digo pra quem quiser a gente resolve melhor aqui porque se for pra lá é só burocracia, disse me disse, você se sente desassistida, desacreditada, você se sente desestimulada porque você lá é tudo lindo e maravilhoso, bonitinho que você leva e eles dizem: vamos resolver, vamos ouvir! Chama fulano, chama sicrano. Nós já tivemos problemas muito sério aqui na escola e as respostas de lá foram as piores possível, então a gente desacredita e desestimula, se a gente for escutar de lá, a gente já nem leva. A gente tenta fazer por aqui o que dar, o que tem que ser comunicado pra lá a gente comunica porque existe a questão burocrática e hierárquica então é levado,

mas tentamos resolver por aqui porque se depender de lá nada é resolvido.

Como pudemos observar no extrato acima, constatamos que há uma necessidade de uma ação coletiva que oportunize um fortalecimento no elo entre a escola e a rede de ensino, visando uma melhoria na comunicação e resolução das demandas que surgem no cotidiano das instituições escolares.

Ainda, os entrevistados destacam a ausência da família. Sabemos que se trata de uma questão complexa, pois a mesma agrega fatores externos à escola, como a falta de estrutura, a título de exemplificação.

5 Considerações Finais

Os dados analisados nos responderam **como a gestão escolar e o corpo docente enfrentam o *bullying* em uma escola municipal na cidade do Recife**. Desse modo, constatamos que a gestora e a maioria dos docentes colaboradores, têm conhecimento sobre o fenômeno *bullying* e demonstram o quanto o mesmo é prejudicial no cotidiano escolar. No entanto, no que se refere a identificação de práticas relacionadas ao *bullying* alguns ainda confundem com outros tipos de violências ou não conseguem estabelecer uma relação direta denominando, por exemplo, como “expressões racistas e preconceituosas”. Isso mostra que as discussões sobre *bullying* tanto na formação inicial dos professores como em estudos continuados precisam avançar no sentido de favorecer e propiciar ações preventivas dentro da comunidade escolar.

Entre os resultados alcançados ainda detectamos que o sistema educacional, se exime de contribuir de forma efetiva na qualificação dos educadores, para que estes possam intervir de maneira mais eficiente e eficaz na erradicação de práticas do *bullying* no ambiente escolar. Atribuem aos educadores a responsabilidade sobre sua formação e estes, por sua vez, se sentem fragilizados e inseguros quanto a aplicação das medidas de contenção, visto que eles não se sentem resguardados institucionalmente pela rede de ensino.

A nossa hipótese inicial de que quando o *bullying* acontece no cotidiano da escola pública do ensino fundamental carece de intervenção imediata e que nem sempre o gestor e os docentes sabem como agir não se confirmou. Diferentemente do que pensávamos inicialmente, constatamos que a maioria dos sujeitos tem algum conhecimento sobre o fenômeno. No entanto, apesar disso, algumas vezes, na prática, há uma distorção da percepção desse fenômeno.

O estudo de caso aqui apresentado serve como uma referência para que outras escolas também se inspirem com o exemplo desses professores e da equipe gestora, pois quando ocorre práticas de *bullying* toda a comunidade escolar procura, num primeiro momento, resolver através do diálogo, apresentando, dessa forma, ao nosso ver, uma ação paliativa. Por fim, registramos que as medidas tomadas para enfrentar o *bullying*, nesta escola **resultam do planejamento coletivo** que esses profissionais constroem buscando munir-se de conhecimentos necessários ao enfrentamento desta violência, agindo coletivamente visando propiciar uma cultura de paz para com todos.

Referências

AGUIAR, Maria da Conceição Carrilho de. **Gestão democrática, elementos conceituais e a democratização do acesso, permanência e sucesso escolar**. Políticas e gestão da educação básica. Recife: Editora Universitária, 2009.

BOTLER, Alice Miriam Happ. Injustiça, conflito e violência: um estudo de caso em escola pública de Recife. *Cadernos de Pesquisa* v. 46 n. 161 p. 716-732 jul./set. 2016.

BRASIL. **Lei 13.185 de 6 de novembro de 2015. Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm>.

Acesso em: 03 de nov. de 2018.

CALHAU, Lélío Braga. **Bullying, criminologia e a contribuição de Albert Bandura**. Trabalho apresentado no I Fórum Paraibano de Combate ao Bullying e incentivo à cultura de paz, João Pessoa (PB), 28 mar. 2008.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais** / Antônio Chizzotti. S. ed. – São Paulo: Cortez, 2006. – (Biblioteca de educação. Série 1. Escola: v. 16)

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 23.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisas em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo/SP: EPU: 1986.

MELO, Josevaldo Araújo de. **Bullying na escola: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo/ Josevaldo Araújo de Melo**. 3ª ed. Recife: EDUPE, 2010.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de; PASINI, Audri Inês; LEVANDOWSKI, Gabriel. O *bullying* escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, v.2, n. 15, p. 203-215, 2013.

OLIVEIRA, A. B. S. **Métodos e técnicas de pesquisa em contabilidade**. São Paulo: Saraiva, 2003.

PEDROZA, Sâmia. **A evolução da educação: necessidade de uma nova gestão escolar**. Universidade Estácio de Sá, 2011.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes perigosas nas escolas – bullying**. Ed. Fontanar. 2010.

SILVA, Jorge Luiz da; BAZON, Marina Rezende. Prevenção e enfrentamento do *bullying*: o papel de professores *Revista Educação Especial*, vol. 30, núm. 59, set./dez. 2017, p. 615-627. Universidade Federal de Santa Maria - Santa Maria, Brasil.

SOUZA, Christiane Pantoja de; ALMEIDA, Léo César Parente de. *Bullying* em ambiente escolar. *Enciclopédia Biosfera: Centro Científico Conhecer*. Goiânia, V. 7, n. 12, p. 179-190, 2011.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. *Revista Diálogo Educacional*, v. 9, n. 28, p. 525-540, 2009.